

AEE: CAMINHOS PARA INCLUSÃO DE UMA ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA FÍSICA¹

Dina Maria Vital AVILA²

Resumo

Esse estudo se propõe a tecer saberes e reflexões sobre o processo de inclusão de uma estudante, nove anos de idade com deficiência física, matriculada no 2º ano do ensino fundamental em uma escola regular da Rede Pública Municipal de Maceió. A discussão apresenta em seu eixo organizacional, cinco etapas, iniciando pelo estudo do caso, seguido pelo esclarecimento do caso, a identificação da natureza do problema, a resolução, e por fim o Plano de Atendimento Educacional Especializado - AEE. A execução das primeiras quatro etapas tem a função de coletar dados para a construção e operacionalização do Plano AEE. Este visa adequar as especificidades físicas, intelectuais, afetivas e sociais da estudante, aos diversos espaços de aprendizagem, para reduzir e eliminar barreiras arquitetônicas e atitudinais que dificultam e impedem sua participação social, com igualdade de oportunidades. O percurso metodológico está baseado em entrevistas com a escola e família, observação, registro de campo e relatórios. O enfoque da discussão está na construção e ação do Plano AEE para uma atuação mais expressiva da estudante em seu contexto social.

Palavras-chave: Inclusão; Atendimento Educacional Especializado.

Introdução

As Políticas da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva é um documento criado pelo MEC no ano de 2008 que tem o papel de orientação legal, metodológica e teórica para delinear estudos e ações de inclusão escolar aos diversos sujeitos, a partir da construção de Planos de Atendimento Educacional especializado ou planos AEE.

¹ Este estudo tem bases em meu trabalho de conclusão de curso (TCC) da Especialização em Educação Especial – Formação Continuada de Professores para o Atendimento Educacional Especializado – AEE pela Universidade Federal do Ceará - UFC/ 2014.

² Graduada em Psicologia pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió/2000, Especialista em Educação Especial – Formação Continuada de Professores para o Atendimento Educacional Especializado - AEE, pela UFC/2014, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional IBESA/ 2005. Professora de Psicologia da Educação, Professora do AEE em Sala de Recursos Multifuncionais das Redes Municipal (Maceió) e Estadual de Ensino de Alagoas. E-mail: dm_vitalavila@superig.com.br

O estudo em pauta faz a discussão do processo de construção do plano AEE, para a inclusão nos diversos espaços de aprendizagem, de uma estudante de nove anos de idade, com deficiência física, matriculada no 2º ano do ensino fundamental em uma escola da Rede Pública Municipal de Ensino de Maceió.

Esta pesquisa foi motivada pessoal e profissionalmente pela percepção e compreensão da existência de achados contemporâneos altamente positivos no que tange à reabilitação psicomotora, cognitiva, afetiva e social das pessoas com deficiência física, por meio de Planos de ação pedagógica do AEE.

Conforme afirma Vigotski (2010), esses sujeitos apresentam plasticidade cerebral, e se estimulados adequadamente, podem apresentar resoluções adequadas nas variadas situações, que ocorrem nos espaços de convivência com o meio. Diante dessa afirmativa, pergunta-se: Como construir um plano de atendimento educacional especializado (AEE) que dê conta da inclusão do sujeito desse estudo, nas diversas ambiências de sua convivência? E quais os instrumentos utilizados na composição desse Plano de Atendimento Educacional Especializado?

Ao observar esse cenário, uma problematização se faz necessária: De que forma o (a) professor (a) pode contribuir com a inclusão, oportunizando o acesso a um currículo escolar plural aos (as) estudantes com deficiência física, levando em consideração que a inclusão diferentemente da integração, deve mobilizar toda a estrutura organizacional curricular educacional?

A escola em que a estudante, objeto desse estudo, está matriculada, realiza o Atendimento Educacional Especializado em turno contrário ao horário das atividades escolares em sala de aula regular, por ser a educação especial uma modalidade educacional não substitutiva do currículo oficial escolar (MEC/SEESP, 2008). Nestes moldes, essa modalidade de ensino deve dialogar com todos os componentes curriculares, assim como com todos os segmentos da escola.

A estudante em pauta apresenta um quadro de alterações neurológicas que comprometem seu equilíbrio, mobilidade, postura em pé e sentada, controle da motricidade ampla (movimento dos grandes músculos) e fina (movimento dos pequenos músculos), dificultando a escrita e, portanto, a construção da base alfabética para acesso ao universo da escrita/leitura. Diante dessa configuração, a construção do plano AEE se

faz indispensável para uma adaptação da prática pedagógica e do currículo escolar que por sua vez beneficiará a todos.

Com base nesse desenho, o trabalho do AEE consiste em desenvolver estratégias e recursos de acessibilidade que promovam oportunidades iguais de aprendizagem, oferecendo serviços de avaliação diagnóstica processual em uma perspectiva contextualizada com estudos e análises minuciosas de caso para a identificação do motivo da inacessibilidade aos ambientes de aprendizagem. O (a) professor (a) do AEE investiga, analisa e problematiza - articulando as redes de apoio -, as necessidades educacionais dos (as) estudantes, para a configuração o plano AEE.

As bases teóricas para este estudo tem fundamentação em Aberastury (1981), Brasil (2004), Ferreira; Teberosky (1999), Gomes *et. al.* (2010), Mantoan (2003), Oliveira (1992), Paniagua (2004), Vigotski (2010), Políticas da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC/SEESP/2008), Orientação e mobilidade, adequação postural e acessibilidade espacial/UFC/ 2010 e A escola comum inclusiva/UFC/2010.

As etapas que sustentam a discussão são: estudo do caso, esclarecimento do problema, Identificação da natureza do problema, resolução e a construção do Plano de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Este último é o foco dessa discussão.

Inclusão: O que é e como fazer?

Mantoan (2003) reconhece que uma escola inclusiva é uma escola plural, democrática e flexível, que se molda às mudanças, e acolhe a multiplicidades de sujeitos que nela entra. A afirmação de Mantoan instiga reflexões para uma busca de ações profícuas que beneficiem a todos os sujeitos, oportunizando o acesso e permanência nos espaços de aprendizagem, com igualdade de oportunidades. De acordo com essa estudiosa quando discute os modelos da educação em seu percurso histórico, afirma que no modelo da integração, a escola não está flexível às mudanças para atender as diferenças. São os (as) estudantes que devem se adequar as exigências da escola. Neste modelo é preferível o reducionismo da escola tradicional, aos desafios de uma escola plural de formato democrática e interdisciplinar. A escola nesses moldes “opta” por reduzir seus objetivos curriculares na tentativa de compensar as dificuldades de

aprendizagem. Já o modelo da Inclusão clama por mudanças urgentes de paradigma com um cenário moderno que não tenha a estrutura organizacional curricular fragmentada por disciplinas, e que não divida os (as) estudantes em normais e deficientes, negros e brancos, ricos e pobres.

A inclusão urge por um modelo educacional atual, e isso só é possível mediante uma reflexão coletiva que gere como resultado a transgressão das identidades institucionais, identidades de professores (as), entre outros (as) profissionais da escola, o que vai refletir na emergência da nova identidade dos (as) estudantes.

O Plano de Atendimento Educacional Especializado (AEE) como instrumento de inclusão:

O Plano de atendimento educacional especializado (AEE) é um documento da ação pedagógica, de natureza interdisciplinar, construído coletivamente pela escola, e orientado a partir da articulação de bases empíricas, teóricas, técnicas e metodológicas, em diálogo permanente com as políticas da educação especial na modalidade do AEE (Atendimento educacional especializado) e com toda a configuração organizacional da escola. O objetivo do Plano AEE é adequar a ação pedagógica da escola para incluir os (as) estudantes com transtornos de aprendizagem, altas habilidades e/ou superdotação, oportunizando o acesso e participação com autonomia, na relação com os diversos espaços sociais de convivência.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço da educação especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, com o objetivo de reduzir e eliminar as barreiras arquitetônicas, atitudinais e estruturais para a plena participação dos sujeitos, considerando, suas necessidades específicas.

Adequação postural, mobilidade, orientação espacial e cognição de uma estudante com deficiência física.

Conforme Paniagua (2004), a deficiência física apresenta-se com diversas formas que refletem no(s) seguimento(s) corporal/corporais, provocando alterações de um ou mais desses segmentos, seja em forma de comprometimento total e/ou parcial do movimento. Dessa forma, pode comprometer o equilíbrio, postura, movimento e

mobilidade, causando impedimentos e dificuldades motoras que desembocam na privação ou dificuldade do acesso e participação nos diversos espaços de aprendizagem.

A análise da adequação postural, mobilidade e orientação espacial da estudante em discussão, é um elemento indispensável para a construção do plano AEE.

Por orientação, entende-se a capacidade dos sujeitos de se situarem no tempo e no espaço para que a mobilidade ocorra de forma consciente e orientada na realização de atividades. A adequação postural corresponde à melhor forma possível, dada aos sujeitos com a deficiência física, para que estes se situem e consigam realizar as atividades pretendidas.

Seguindo as orientações dos documentos nacionais norteadores da escola inclusiva como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC/SEESP/ 2008), os (as) estudantes com deficiência física são assistidos na sala de aula regular, educação física, e sala de recursos multifuncionais – SRM. onde é realizado o atendimento educacional especializado - AEE. Vale ressaltar que nem sempre é necessário que esse atendimento especializado ocorra em ambiências físicas da sala de recursos multifuncionais – SRM, pois, o objetivo dessa modalidade de ensino (Educação Especial) é a promoção da acessibilidade atitudinal (relações pessoais), arquitetônica e estrutural, nos diversos espaços de permanência/ aprendizagem desses sujeitos. De acordo com o MEC/SEESP/2008, o Atendimento Educacional Especializado “é um serviço da educação especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, eliminando barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas”. Pode ser realizado também em instituições sem fins lucrativos e em outras escolas da rede pública de ensino.

Conforme Oliveira (1992), ao mencionar Vygotsky neste contexto, afirma que o ingresso dos sujeitos no universo conceitual, ou melhor, no mundo das estruturas mentais mais sofisticadas, exige posturas pedagógicas e instrumentos mediadores qualificados, na condição de uma pessoa mais experiente, que contribui grandemente no processo de formação humana e na inclusão social dos sujeitos,

Neste cenário, o AEE junto aos demais segmentos da escola, procede à análise para identificar as perturbações que dificultam o aprender. O objetivo é o de propor de forma interdisciplinar, os possíveis caminhos para a acessibilidade ao conhecimento. De acordo com o Documento Nacional emitido pelo MEC/2010, Fascículo: Orientação

e mobilidade, Adequação Postural e Acessibilidade Espacial, do Programa, Educação na Perspectiva da Inclusão Escolar, tal fato identificado é encaminhada à gestão escolar para as providências de recursos acessíveis, mobiliários e recursos humanos, assim como a demanda por redes de apoio que interliguem a escola às instâncias de estimulação e reabilitação psicomotora (médicos ortopedistas, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas, serviço social), visando à aquisição e organização personalizada dos recursos de acessibilidade tais como (lápiz, canetas, tesouras talheres, escovas para dente, escovas para cabelo, muletas, andajás, cadeiras para a adequação postural, mesa de altura regulável), entre outros.

Observação e análise de atividades realizadas pela estudante com a mediação da professora.

Atividade 1:

"As peças de um jogo contendo diversas cores, tamanhos e formas são espalhadas na carteira, solicitando a estudante que separe essas peças inicialmente pelo atributo 'cor', utilizando as duas mãos (estimulação física com mediação). Os demais atributos, 'tamanho' e 'forma', são separados sucessivamente pela estudante, seguindo as orientações da professora". Para que essa atividade seja efetivada com êxito, a cadeira é adaptada com encostos e suporte de almofadas improvisadas atrás e dos lados da cadeira. Aos pés da criança, são colocados blocos de madeira para adequar a postura sentada à altura da mesa, para que ela não se desequilibre e consiga apoiar os braços na mesa. Essa atividade é realizada inúmeras vezes com outros campos semânticos (objetos da sala de aula, brinquedos, material escolar).

Atividade 2:

Outra atividade realizada foi "O jogo da amarelinha", desenhado no piso de um corredor, em um espaço estreito, onde a criança possa executar a trajetória do jogo apoiada nas paredes desse espaço. O jogo ocorre de forma coletiva, e as demais crianças que participam são orientadas a respeitar o ritmo dela.

Essas atividades são estratégias orientadas pelo Plano AEE, considerando os limites e possibilidades de superação da criança, mediante as funções cognitivas analisadas por meio da observação coletadas, entrevista com a mãe, irmãs, professora da sala regular e coordenação pedagógica.

O propósito dessas atividades é a adequação postural, orientação espacial, mobilidade e reabilitação cognitiva.

Metodologia

O caminho utilizado para o desenvolvimento da pesquisa está baseado em uma metodologia qualitativa cuja coleta dos dados ocorreu mediante elementos como: Observação, entrevistas, registros de campo; todos com a finalidade da construção dos relatórios para a comunicação com a rede de apoio, e a construção do plano de ação do AEE.

O interesse pelo estudo surgiu da necessidade de possibilitar às pessoas com deficiência física, por meio de um plano de atividades pedagógicas de adequação curricular, a acessibilidade aos espaços de convivência, criando e organizando instrumentos para adequação postural e mobilidade orientada, como suporte para a inclusão.

O sujeito da pesquisa é uma criança do gênero feminino, nove anos de idade, com comprometimento dos pequenos músculos (motricidade fina) e musculatura grossa (movimentos amplos), além de transtorno na área linguagem (escrita e oral). Ela está matriculada em uma escola pública municipal de ensino, cursando o 2º na do ensino fundamental em sala de aula regular e o AEE em sala de recursos multifuncionais. Na SRM, os atendimentos ocorrem duas vezes por semana com duração de sessenta minutos cada, em turno contrário ao horário da sala regular por não se constituir o AEE em uma modalidade de ensino substitutiva ao currículo oficial da sala regular.

Entre os elementos auxiliares na construção do plano AEE, a entrevista é um procedimento utilizado para a comunicação com a família, professoras da educação física e sala de aula regular, coordenação pedagógica e direção escolar. Outro procedimento é a observação da estudante em suas relações interpessoais nos diversos espaços, assim como com a família durante os momentos de entrada e saída da escola.

O diário de campo gera os registros para a construção da sistematização do Plano de ação do AEE, assim como a construção dos relatórios para a comunicação com a rede de apoio (serviço social, saúde, família e segmentos da escola).

Estudo do caso³

Caso Lívia

Lívia nasceu em 05 de junho do ano de 2005. Atualmente está matriculada no 2º ano do ensino fundamental inicial em uma escola pública municipal. Seu pai (40 a) e mãe (26 a) têm três filhas. Lívia faz terapêutica interdisciplinar (fonoaudiologia, fisioterapia terapia ocupacional, psicologia neurologia, etc.) uma vez por semana em clínica de reabilitação neuropsicomotora e é a terceira filha da prole. É a única filha com perturbações motoras. Em relação à gestação e a situação perinatal, a mãe informa na entrevista realizada pelo AEE, que não houve intercorrências, porém, as primeiras aprendizagens ocorreram de forma tardia. Exemplo dessa informação pode ser citado o atraso do DNPM (desenvolvimento neuropsicomotor). A criança sentou aos dois anos de idade, andou aos dois anos e meio com tendência a cair e se machucar, além de ter o controle dos esfíncteres fecal e urinário tardios. Diante das quedas por conta da marcha comprometida e dificuldade no controle corporal, ela sente e expressa o medo de caminhar. Apresenta sobrepeso, marcha, equilíbrio e orientação espaço temporal deficitários.

Foi matriculada na escola atual aos sete anos de idade. No aspecto da linguagem oral, a criança pronunciou as primeiras palavras aos três anos de idade (papá, mamã). Pode-se afirmar de acordo com Brasil (2004), o atraso na linguagem com reflexos já constatados na aquisição na linguagem escrita – linguagem oral antevê a linguagem escrita. Atualmente apresenta comunicação com linguagem receptiva e expressiva preservadas, pronunciando por vezes algumas palavras de forma incompreensível. A atenção está preservada, motivo que facilita o desenvolvimento das atividades propostas. Apresenta motricidade fina, marcha e equilíbrio deficitários, necessitando de auxiliar de sala (recurso humano) como mediação para construção de trabalhos manuais

³ O nome atribuído a estudante é fictício como forma de sigilo da verdadeira identidade.

e locomoção, principalmente na aula de educação física e para as necessidades fisiológicas.

Na SRM e sala de aula regular, a mediação das professoras nas atividades que exigem a psicomotricidade fina e ampla (pinça punção, rosca e preensão) está sendo realizada, assim como o estímulo das bases motoras (articulações do ombro, cotovelo e punho) para a aprendizagem da escrita. Dessa forma, a estudante já consegue executar as atividades propostas (pintura no limite da folha, colagem, folhear livros e cadernos, separação de grãos). As funções mentais intelectivas são estimuladas com diversas atividades tais como a classificação de elementos utilizando atributos como cores e formas, cheiros, temperaturas, sons.

A professora da sala regular apresenta comunicação satisfatória com o AEE por meio de relatórios escritos e relatos orais. A estudante apresenta atenção concentrada, executando com precisão as atividades pedagógicas. Tem relações interpessoais satisfatórias, acolhendo a ajuda que lhe é atribuída. Em relação à construção da base alfabética, tem sua linguagem escrita no nível inicial corresponde à garatuja. De acordo com Ferreiro; Teberosky (1999, p.193) “escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como uma forma básica da mesma”. Pode-se afirmar, de acordo com essas estudiosas, que houve evolução da construção escrita, pois em um momento anterior, foi necessário colar barreiras como grãos, canudos, cordões, entre outros elementos para limitar a escrita, a fim que a estudante não extrapolasse o traçado do desenho. Os recursos utilizados para a construção de seu prenome, ocorre, mostrando-lhe a escrita deste em letra tipo bastão, daí solicitou-se que pintasse e colasse com diversos materiais (tinta, lápis de cera, colagem de grão). Progressivamente a estudante tem (re) construindo sua identidade, apesar da falta de uma efetiva parceria com as entidades governamentais e setores de assistência e reabilitação neuropsicomotora, entre outros.

Espera-se que em um futuro próximo todas as instâncias sociais se articulem para a construção de uma sociedade justa, igualitária, com escolas democráticas que incluam as diferenças.

Esclarecimento do problema

A estudante apresenta transtornos na condição física que comprometem a mobilidade, orientação espacial, equilíbrio, postura e linguagem prejudicando o desenvolvimento da marcha, postura e atividades manuais de natureza motora fina como a pinça e motricidade manual ampla como a rosca, punção e preensão. No ambiente familiar, a mãe informa não ter quem lhe ajude nas atividades domésticas, educação e cuidados com as três filhas. Segundo relatos da mãe, as intervenções realizadas nesse ambiente para Lívia ocorrem na forma de assistencialismo, pois, ela não tem estratégias para esta orientação. Na sala de aula regular, SRM e educação física, a estudante é assistida com recursos precariamente adaptados e as adequações físicas (arquitetônicas) da escola assim como recursos de acessibilidade (lápiz engrossado, tesoura adaptada, pulseira imantada, cadeira adaptada entre outros), são precárias, motivo que dificulta a inclusão.

A comunicação é fator positivo no desenvolvimento da estudante que apresenta linguagem expressiva e receptiva preservadas possibilitando grandes trocas de aprendizagens. Na mobilidade, tem marcha e equilíbrio deficitários e apesar da ausência de relatórios provenientes da equipe de reabilitação psicomotora, observa-se certa hipertonía (rigidez) nos membros superiores e inferiores, provocando desequilíbrios, tombos e quedas.

Identificação da natureza do problema

A estudante apresentou atraso nas aprendizagens iniciais do desenvolvimento neuropsicomotor repercutindo nas aquisições posteriores como demora na aquisição da mobilidade e no equilíbrio e orientação espaço/ temporal devido a hipertonía (rigidez) do lado esquerdo do corpo. A área da linguagem oral e a aquisição de conceitos também apresentam compromissos, porém, não tão significativos como os transtornos ligados ao movimento. Atualmente a estudante atua na escola e em outros ambientes sociais, necessitando de maiores recursos de acessibilidade para executar suas tarefas acadêmicas e demais atividades da vida autônoma. Em relação aos aspectos que dificultam a o desenvolvimento efetivo do plano AEE, podem-se citar a ausência de redes de apoio como a equipe de reabilitação da saúde, assistência social e presença efetiva da mãe nas atividades propostas pela escola. Um aspecto positivo que possibilita

os avanços é a motivação, atenção, comunicação, certa assiduidade à escola e disponibilidade de interação social para receber auxílio nas atividades propostas. Apesar de todas as dificuldades e fragilidade de estrutura para a acessibilidade, o AEE com ações consistentes, tem realizado importante papel na minimização de barreiras que impedem e dificultam a inclusão social da estudante.

Resolução do problema

Recursos materiais como cadeira para ajuste postural, lápis com engrossador para facilitar a preensão da construção da escrita, pulseira imantada para o exercício das atividades manuais, andador para a promoção de segurança da mobilidade e orientação espacial, assim como tesoura adaptada, são alguns dos instrumentos de acessibilidade que promovem e ampliam o acesso ao conhecimento.

A agenda de previsibilidade é outra ferramenta de acessibilidade que contribui com a noção de tempo/espço, informando a estudante o tempo das atividades (antes do recreio, após a aula de educação física). Dessa forma ela tem consciência do que é esperado dela. Material concreto em sucata (canudos plásticos coloridos, tampinhas coloridas, caixas, entre outros) para a construção das atividades da vida diária (abrir e fechar portas, utilizar chave, higiene pessoal, alimentação) e atividades escolares (correspondência termo a termo, sequência numérica, noções de antecessor e sucessor, identificação de cores e formas, jogos com atividades de sequência temporal e espacial, jogos competitivos de estratégias simples, jogos alfabéticos silábicos e alfabeto móvel), são alguns dos recursos que irão retirar a estudante da posição de telespectadora para a posição de protagonista de sua história.

Aspectos como a carência da rede de apoio de reabilitação da saúde e a postura passiva da mãe nas atividades proposta pela escola, são aspectos que dificultam o processo de desenvolvimento da autonomia plena da estudante.

Plano de atendimento educacional especializado (AEE)

Dados de Identificação

Nome: Lívia

Idade: 09 anos

Ano Escolar: 2º ano /Ensino fundamental

Objetivos

>Construir o plano AEE utilizando instrumentos diversos para a superação de barreiras que dificultam e impedem a mobilidade, orientação espaço temporal, adequação postural psicomotricidade fina/ ampla, leitura e linguagem.

>Construir pranchas inclinadas com estímulos de ordem alfabética, numérica e silábica para a aprendizagem da escrita e leitura de palavras simples que tenham significado para a sua realidade.

>Adaptar cadeira com braços e suporte com altura para os pés, de forma a facilitar a postura à mesa de estudos.

Organizações do atendimento

Frequência: 02 vezes por semana

Tempo do atendimento: 60 minutos

Composição do atendimento: individual e coletivo

Período de atendimento: Dois meses

Atividades a serem desenvolvidas

Jogos da memória, quebra-cabeça, blocos lógicos, dominós, cartas com imagens temáticas e associação de ideias; e jogos em *softwares*; construção com formas geométricas e outros objetos com massa de modelar e argila, desenhos, recortes, colagens, pintura e dobraduras, introdução de fios por pequenos orifícios;

Jogos de associação de ideias, sequência numérica com o atributo cor, jogos com diversos temas pertinentes a realidade cognitiva da estudante no computador;

Materiais a serem produzidos

Fantoches, sequência de ideias lógica, sequência numérica com cores e formas e sequência alfabética com imagens de objetos que comecem pela letra correspondente.

Adequações de materiais

Cadeira adaptada, tesoura adaptada adaptador de prensão do *mouse* (computador), lápis, pinceis, talheres e outros objetos dessa natureza de formato adaptados-engrossado.

Seleção de materiais

Material concreto em sucata, papel ofício, cola branca tesoura, lápis grafite e de cor, massa de modelar, papel 40 kg, recortes com imagens de pessoas expressando diversas emoções, velcro, cola quente, desenhos diversos, tecidos para confecção dos fantoches e Softwares de jogos pedagógicos, revistas velhas, fita adesiva colorida, fita adesiva transparente larga e fina, emborrachado de diversas cores.

259

Parcerias

Entidades governamentais, rede de apoio – Todos os profissionais da escola, família, equipe da saúde para a reabilitação neuropsicomotora.

Resultados

O Plano de Atendimento Educacional Especializado - AEE foi construído em um formato interdisciplinar, baseando em dados coletados da estudante situada em seu contexto, com prazo de vigência de sessenta dias. Tempo estabelecido no plano AEE para possível obtenção dos resultados esperados, com ênfase no ajuste psicomotor e estimulação cognitiva. Esses elementos são considerados norteadores para a aquisição da linguagem oral e escrita, leitura, mobilidade, equilíbrio e ajuste na motricidade fina.

A Avaliação interdisciplinar periódica é processual, tomando-se como base as atividades e atitudes pedagógicas desafiadoras, e a ênfase no respeito ao ritmo de aprendizagem da criança, com enfoque na inclusão.

Os resultados obtidos com o plano AEE foram favoráveis, a começar pelo vínculo imediato com os (as) colegas, professoras e demais profissionais da escola. A criança denota motivação para aprender, motivo importante para a superação das suas dificuldades.

As adequações ocorreram por meio dos profissionais da escola, sem a colaboração da rede de apoio (intersectorialidade com as instâncias reabilitadoras e de adequação do material a ser utilizado durante as atividades) como estava previstas no Plano AEE.

As Bases teóricas utilizadas no processo de construção e operacionalização do plano AEE foram consideradas eminentes, como se podem citar as contribuições de Vigotski (2010) ao afirmar a plasticidade cerebral.

A execução de atividades como pintar e escrever dentro de um limite proposto, ordenar as letras de seu prenome e colar em uma folha do caderno utilizando as duas mãos, folhear livros de literatura infantil e o ajuste da preensão do lápis, dos talheres e da escova de dente, foi considerada atividade assimilada com sucesso pela estudante.

O diálogo com a rede de apoio ocorreu por meio de relatórios descritivos contendo os registros das ações do AEE como atividades propostas, reação da estudante às atividades, e as estratégias utilizadas para a obtenção dos resultados.

As Reuniões promovidas pelo AEE e a participação dessa professora da sala de recursos multifuncionais nos planejamentos pedagógicos da escola também foram estratégias para a busca de uma escola inclusiva

Nestes encontros pedagógicos, a professora, informava como pauta principal, as possibilidades e limitações do desenvolvimento da estudante, assim como o formato de orientação oferecido pelo atendimento educacional especializado.

O plano AEE será reestruturado, pois conforme foi observado, o processo das aquisições previstas no período de sessenta dias, não foi totalmente alcançado, assim, algumas modificações serão realizadas, levando em consideração, como já foi exposto, o contexto social e o ritmo de aprendizagem da criança.

Levam-se em consideração na reestruturação do plano AEE, aspectos como a dificuldade de diálogo com a rede de apoio (intersectorialidade) para o processo de efetivação dessa proposta.

Análise dos dados

Diante da análise relacionada à trajetória, na tentativa inclusão, a começar pela coleta de dados, passando pela estruturação do Plano AEE, até sua operacionalização, observou-se que os estudos e ações realizadas acerca do processo de inclusão da uma estudante de nove anos de idade com deficiência física, legitimou e legitima vários desafios e reflexões que impulsionam posturas inovadoras e criativas, advindas do atendimento educacional especializado (AEE), família, escola e comunidade, além, dos órgãos governamentais promotores de políticas sociais inclusivas que têm deixado a desejar o seu verdadeiro papel.

O AEE é guiado pela ótica de conceitos tais como, processo, plasticidade cerebral, compensação de outras áreas cerebrais saudáveis, (re) construção atitudinal, arquitetônica e ambiental, mediação do conhecimento por pessoas mais experientes, instrumentos auxiliares concretos e simbólicos (linguagem), e as tecnologias assistivas. Tais conceitos, originados de estudiosas (os) da temática da construção histórico sócio cultural, permearam todo o estudo, mobilizando ações que desaguarão na estruturação de um plano de ação gerador de ambientes sociais acessíveis e passíveis de delinear caminhos seguros de aprendizagens e emancipação. Assim, as atividades (estímulos) propostas se tornaram mais complexas e desafiadoras à medida que a estudante superava situações que antes eram difíceis de executar. Assim, com a contribuição da mediação humana e dos recursos auxiliares materiais e simbólicos acessíveis, a estudante, teve estimuladas suas funções mentais superiores sofisticadas, e no percurso da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), comungando com o estudioso Vigotski, ela conseguiu transitar do nível real do conhecimento (nível inicial) para o nível potencial. De forma cíclica, depois de internalizados, esses conhecimentos passaram a fazer parte do acervo mental (nível real), a espera de novas atividades (estímulos) e internalizações mentais (nível potencial).

Considerações finais

O AEE atualiza processualmente a estruturação de planos de baseado principalmente na observação, nos registros e diálogos intersetoriais acerca da

evolução integral dos (as) estudantes. Utiliza um formato de avaliação diagnóstico e processual, buscando diálogo com redes de apoio, sem, no entanto, ter visíveis sucessos nessas articulações.

Convém nessa trajetória, ressaltar os aspectos positivos da estudante, que possibilitaram significativos avanços, como a compensação das áreas mentais preservadas. Destacaram-se aí, a motivação, atenção, comunicação e disponibilidade de interação social aspectos que validaram a troca e aquisição de conhecimentos. Esses aspectos promoveram ações consistentes, estimulando as professoras envolvidas a persistirem, desafiarem conhecimentos e acreditarem que a inclusão é um fenômeno alcançável.

Este estudo sugere aos (as) leitores (as) que nele se debruçarem que lancem olhares inovadores, abrindo caminhos em benefício de pesquisas que acolham as diferenças e contribuam para a construção de sociedades mais justas, igualitárias e inclusivas.

262

Referências

ABERASTURY, A; KNOBEL. M. *Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1981.

BRASIL. Secretaria de educação Especial. *Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Orientação e mobilidade, adequação postural e acessibilidade espacial*. Universidade Federal do Ceará. Brasília, 2010

BRASIL. Secretaria de educação Especial. *Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: A escola comum inclusiva*. Universidade Federal do Ceará. Brasília, 2010.

BRASIL. *Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL, C. Os alunos com paralisia cerebral e outras alterações motoras. In. COLL, C. et. al. (org.). *Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais*, 2 ed. Porto Alegre: Artes médicas, v. 3, 2004.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Artes Médicas Sul. Porto Alegre, 1999.

GOMES, A L. L. *et. al.* *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: o atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência intelectual.* Brasília: MEC/SEESP. Fortaleza, UFC, 2010.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar – o que é? Por quê? Como fazer?* Campinas: Summus Editora, 2003.

OLIVEIRA, M. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In. LA TAILLE Y. *et. al.* PIAGET, J; VYGOTSKY, L; WALLON. H: *Teorias psicogenéticas em discussão:* Summus Editorial, São Paulo 1992.

PANIAGUA, G. As famílias de crianças com necessidades educativas especiais. In. COLL, C. *et. al.* (orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais*, 2 ed. Porto Alegre: Artes médicas, 2004. v. 3.

VIGOTSKI, L. *A formação Social da mente.* In. COLE, M. *et. al.*(orgs.). *O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.* 7 ed. Martins Fontes, São Paulo, 2010.